

TRAJETÓRIAS E IMAGENS

Filipe da Costa Camargo¹; Célia Maria Foster Silvestre²

¹ Acadêmico do Curso de História da UEMS, Unidade Universitária de Amambaí; e-mail: filipecostacamargo@hotmail.com. Bolsista do PIBEX/CNPq.

² Professora do Curso de Ciências Sociais, Unidade Universitária de Amambaí; e-mail: celia.silvestre@gmail.com.

Resumo

O trabalho desenvolvido tem como enfoque a criação de espaços de convivência na área artística do município de Amambaí, na área urbana e na aldeia, especificamente junto à Associação Conviver e aos jovens estudantes do Projovem, da Aldeia Amambai. A Associação Conviver é integrada por cerca de 80 homens e mulheres na faixa etária de 60 a 80 anos. A intenção é propiciar oportunidades nas quais jovens e idosos se envolvam em processos de criação estética, como a pintura, o desenho entre outras atividades plásticas. A partir desses processos, pretende-se promover o desenvolvimento de suas habilidades e talentos, além de proporcionar a releitura das trajetórias pessoais no âmbito visual-estético. Com esses jovens (Projovem), pretendemos trabalhar aspectos da expressão corporal tradicional, organizando atividades onde eles possam registrar esses movimentos através do desenho. Essa metodologia permite o reconhecimento do processo de vida de cada um, abrindo discussões sobre os desafios que a idade, tanto para jovens como para idosos, provoca, e os aspectos culturais ligados a forma como experimentamos o corpo e percebemos o espaço que vivemos.

Palavras-chave: Idosos. Jovens. Atividades artísticas.

Introdução

Segundo o Estatuto do Idoso, o Estado, a família, e a sociedade têm por obrigação: Assegurar ao idoso, com absoluta prioridade o direito à vida, as necessidades básicas, a cultura e o respeito.

Promover o envelhecimento saudável, e assegurar ao indivíduo que envelhece a máxima capacidade funcional, significa a valorização da autonomia e a preservação da sua independência física e mental. (Pasqualotti, 2004).

Geralmente a velhice é encarada como a pior fase da vida, se traduzindo em sentimento de incapacidade de fazer o que fazia quando jovem. Em muitos casos, o indivíduo fica dependente da família e do Estado; essa condição em que o idoso se encontra, enquanto processo de transformação física, mental e social, se agrava dependendo de sua classe social. A depressão, a solidão, e diversos problemas de saúde tornam a velhice um estágio penoso para muitos; em outros casos, o idoso é entendido como um consumidor em potencial, principalmente por conta dos programas de distribuição de renda. Nesse caso, sua condição social e lugar na família se dão pela renda recebida do Estado, tornando-o, novamente, o provedor da família.

Existe ainda outra situação, em que o idoso pode usar a renda em benefício próprio, principalmente aqueles de renda elevada, e torna-se consumidor de lazer, da indústria de cosméticos, ginástica, “casas de recuperação” e outros produtos para afastar a velhice, encarada como decadência.

Em lugares e momentos na história, os mais velhos eram tratados como figura central da comunidade: a voz da sabedoria, os que guardavam a tradição do povo. Esse é o caso das sociedades indígenas; na sociedade ocidental atual, o que vemos são esses laços se quebrarem e o conseqüente individualismo (cada um por si); o mais velho não encontra sentido para sua vida e as gerações anteriores não tem esse mesmo respeito ou não estão preparados para aceitarem a velhice como estágio natural da vida. A idade se torna um obstáculo para o desenvolvimento físico e mental, impossibilitando a autonomia do indivíduo.

Esse projeto foi pensado a partir do programa ao qual o projeto da professora Célia Silvestre se vincula: ou seja, como uma forma de estabelecer um diálogo amplo com variados setores do município de Amambai e, se ligando de uma forma mais direta com o projeto da professora, que orienta a ação, realiza-se, também, atividades na aldeia indígena Amambai.

Entendemos que o trabalho com as imagens sobre o corpo e os lugares que o indivíduo vive ou viveu podem ser proveitoso para os dois grupos, jovens

da aldeia e idosos urbanos, porque lida com os sentimentos experimentados a respeito da identidade, no sentido pessoal e cultural, e abre espaço para um maior conhecimento sobre si e o outro.

No caso dos jovens indígenas, principalmente os que fazem parte do grupo de dança, será importante trabalhar com um aspecto da expressão corporal dos Guarani e Kaiowá, que é o sambo, espécie de dança e luta, que imita os movimentos dos animais, e que era usado, tradicionalmente, para a defesa.

Neste sentido, o projeto promove um espaço de diálogo entre a universidade e os jovens estudantes da Aldeia Amambai, explorando as expressões corporais próprias da cultura guarani e kaiowá; a compreensão dos processos criativos individuais junto aos jovens da aldeia Amambai; de forma geral, promove o resgate da memória coletiva e da trajetória pessoal, de forma a favorecer a valorização da identidade e do protagonismo no presente, a partir de atividades lúdicas que ampliem a compreensão dos processos de transformação do corpo advindos com a idade, tanto para os jovens e idosos.

Material e métodos

As oficinas ocorrem uma vez por mês na Associação Conviver, destinado a terceira idade em Amambaí ou no Auditório da UEMS, Unidade Amambai e a cada dois meses junto ao grupo de dança da aldeia Amambai. Utilizamos lugares da infância e da juventude para o resgate da memória social, fatos históricos, fotografias, e o próprio corpo, como fonte de pesquisa estética e reproduzir de acordo com tempo e processo de cada um, desenhos, pinturas, cartazes cadernos de artista.

No decorrer do processo haverá exposições dos trabalhos desenvolvidos, na Universidade, para mostrar o resultado do projeto. Esse momento é entendido como um retorno para a comunidade e se faz necessário não somente como método de avaliação, mas de celebração do processo de aprendizado.

Resultados e discussão

O projeto está no estágio inicial. Apresentamos a proposta da oficina no baile da terceira idade que é promovido pela Associação Conviver às quintas-feiras, e marcamos as datas do primeiro encontro. Nesta primeira atividade estavam presentes aproximadamente sessenta pessoas. O encontro foi acompanhado também pela professora Célia Silvestre (coordenado do projeto de extensão). A proposta da oficina foi recebida com otimismo por parte das pessoas presentes, as quais manifestaram interesse de participar das atividades futuras.

A apresentação da oficina na aldeia contou com a presença de aproximadamente 25 pessoas. O cronograma dos eventos futuros foi bem recebido por parte da comunidade, sendo que os participantes salientaram a importância do projeto para a expressão artística de alguns traços significativos da cultura local.

Conclusões

O atual estágio do projeto de extensão nos permite apenas conclusões parciais obtidas do primeiro encontro. Percebemos elevada receptividade por parte dos grupos contemplados pelas atividades. Acreditamos que este seja o ponto de partida para o ótimo desenvolvimento dos trabalhos.

Agradecimentos

Agradecemos, em primeiro lugar, ao empenho da UEMS na promoção das atividades de extensão, cuja proposta aqui apresentada contribui para o desenvolvimento humano e cultural dos grupos privilegiados pelas atividades; agradecemos também ao acompanhamento da professora Célia Silvestre, que tem se dedicado para o andamento satisfatório das atividades; por fim, agradecemos aos parceiros do projeto de extensão pela disponibilidade e acolhida diante das atividades: Projovem e Associação Conviver.

Referências bibliográficas

DEBERT, Guita Grin. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. ANPOCS, 1996.

PASQUALOTTI, Adriano, Marilene Rodrigues Portella, Luiz Antonio Bettinelli. *Envelhecimento humano, desafios e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2004.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. *Entretempos: estratégias de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens*. Tese (doutorado em Sociologia). 200 f. UNESP. Araraquara, 2011.